



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao projeto de reurbanização do bairro Coroa do Meio

Aracaju-SE, 15 de março de 2006

Quando o prefeito estava falando, o sol estava batendo na minha cara ali, e eu fiquei pedindo a Deus para chegar logo a minha vez de falar, para vir num lugar que não tinha sol. Eu vim, o sol andou e está pegando, possivelmente, porque eu não seja tão alto quanto ele e então, está pegando aqui.

Eu não vou falar mais de Coroa do Meio, porque o nosso companheiro Marcelo Déda... Tem um garotinho aqui que, desde que eu cheguei, ele está gritando Lula. Eu já fui lá, já dei um beijo, um abraço, mas ele continua ali gritando Lula. Eu acho que vou levá-lo embora para Brasília.

Para quem já viveu situações como essas, ao longo de muitos anos, chegar numa palafita, eu acho a palafita a situação mais degradante de moradia de um ser humano. Eu conheço as palafitas de Pernambuco, conheço as palafitas de São Luis do Maranhão, conheço os alagados da Bahia, conheço as palafitas de Aracaju, conheço as palafitas de Santos. E de todos os lugares que eu visito e que eu conheço, nada é mais degradante que uma palafita, porque a palafita não permite, primeiro, que a gente se sinta em solo firme, que não aconteça nada nem conosco e nem com as nossas famílias. Segundo, porque não tem rua, você não tem como transitar, às vezes é um trapiche em que você é obrigado a andar. Eu já tive oportunidade de ver, numa visita que fiz, em 1993, à Bahia, uma mulher grávida que caiu e enfiou a barriga numa tora de mangue. Eu venho sonhando que a gente possa acabar com as palafitas no Brasil e, essas coisas, é mais fácil a gente falar do que a gente fazer.



O Marcelo Déda estava dizendo: cinco anos de sofrimento, de muito trabalho, às vezes recebendo críticas. Às vezes pessoas que nunca passaram por uma palafita escrevem artigos contra, achando que é jogar dinheiro fora, que é gastar dinheiro, que não é coisa necessária. Na verdade, meu querido Marcelo Déda, administrar – e essa é a grande coisa de você estar no Poder Executivo – é você plantar e colher. Porque quando você põe uma semente embaixo da terra, não falta quem passe ali e diga: “não está plantando nada, não vai dar, essa semente não presta, a terra é ruim, não sei das quantas”. Aí vem um brotinho, aí já fala: “é, vai dar, mas vai ser fraquinha, vai dar, mas não vai ser boa”. Aí ela cresce: “ah, vai dar, mas não vai dar fruto”. Aí, quando começa a dar os frutos, aquele mesmo avarento que nunca gostou daquela coisa, quer ser o primeiro a chupar da fruta que nós plantamos.

Bem, foi com base nessa preocupação de acabar com as palafitas que o Congresso Nacional... E eu quero agradecer aos senadores e aos deputados, que aprovaram uma lei de iniciativa popular, a primeira lei de iniciativa popular feita no Brasil, que demorou 13 anos para ser aprovada. Ela foi aprovada, criando o Fundo Social de Habitação. E foi aprovada no ano passado, eu sancionei a lei e, este ano, nós colocamos 1 bilhão de reais no Fundo Social. Esse 1 bilhão de reais, é possível construir, no mínimo, umas 100 mil casas pequenas, é verdade. E eu disse ao ministro das Cidades, disse em uma reunião ministerial, que esse 1 bilhão nós vamos dar prioridade para acabar com as palafitas em todos os lugares do Brasil onde tiver palafita.

A verdade é que as coisas também não são fáceis, Marcelo, porque precisa fazer projeto, tem licença ambiental, às vezes você faz o projeto e um processo de licitação demora quatro, cinco meses, a coisa é mais complicada. Então eu disse ao ministro Márcio Fortes: eu não quero saber se o prefeito é do PFL, do PMDB, do PSDB, do PSB, do PT, eu não quero saber. Eu não quero saber se ele é branco, alto, preto ou baixinho, se ele é corintiano ou torce aqui



para o Sergipe Futebol Clube, eu não quero saber. Eu quero saber o seguinte: se tiver projeto feito e aprovado, nós vamos tirar as palafitas de lá.

E nós temos que fazer isso rápido porque, lamentavelmente, no Brasil, a eleição, que é uma coisa boa, a eleição significa democracia. Na verdade, eu não sei se você percebeu, Marcelo Déda, que em um mandato de quatro anos, você, na verdade, governa três, porque, por exemplo: eu ganhei a Presidência em 2002, tomei posse em 2003. Em 2004 já teve eleição para prefeito. A partir de junho você já não pode fazer mais nenhum convênio com nenhuma prefeitura. Você não pode fazer convênio para repassar dinheiro para nenhuma prefeitura. Então, de junho, praticamente, à eleição, você não pode fazer nada. Aí termina uma eleição em 2004, vem 2005, aí você não tem problema. Chega em 2006 tem eleição, e a partir de junho, tudo o que for convênio que a gente não fizer, não faz mais. Então, eu fico pensando que a eleição deveria ajudar a gente a fazer mais coisas. No Brasil as administrações ficam truncadas porque não pode fazer convênio nem para repassar dinheiro. Nem para repassar dinheiro para uma prefeitura, a gente pode mais. Essa é a situação.

Mas o que é mais importante é que nós colocamos, este ano, só na Caixa Econômica Federal, 18 bilhões e 700 milhões de reais para financiar casas. Dezoito bilhões e 700 milhões de reais. É o maior financiamento de casas, pelo menos dos últimos 12 ou 15 anos. Qual é a diferença que nós estamos dando? É que, desses 18 bilhões e 700 – prefeito, senador e deputado – 10 bilhões nós estamos colocando para financiar casa de quem ganha até 5 salários mínimos. E 8 bilhões e 700, a gente está colocando para financiar casa de setores médios da sociedade, pois também tem muita gente de classe média que não tem casa e tem direito de ter uma casa também.

O que nós estamos dando afinal? Nós governamos para todos, mas eu aprendi com a minha mãe: se a gente tem cinco filhos e tem quatro com saúde e um mais fraquinho, é para aquele mais fraquinho que a gente dedica mais carinho, mais amizade, é aquele que a gente vai cuidar melhor. E é por isso



que nós estamos cuidando da parte mais pobre da população, sem esquecer que nós não somos apenas governantes dos mais pobres, nós somos governantes de 180 milhões de brasileiros e precisamos olhar para todo mundo. Mas as palafitas são um desejo meu, de a gente acabar com elas no Brasil daqui a alguns anos, e quando eu venho aqui em Coroa do Meio, e vejo esta avenida... Essas casinhas aqui... O povo, Déda, é mais esperto e mais inteligente do que a gente imagina. Olhe, nós insentamos agora – o ministro Márcio disse – nós insentamos 38 materiais de construção, 38 produtos de construção. Aquele “vitrô” de alumínio, nós insentamos tomada, insentamos azulejo, lajota, vaso sanitário, insentamos tudo, tinta. Sabe por quê? Porque daqui a alguns meses, Déda, você vai vir aqui, e o cidadão já fez o muro da sua casa; você vai naquela parte de trás, ele já puxou mais um quarto, porque o casal quer dormir mais sossegado, quer colocar o filho no cantinho dele, e ele quer ficar no seu cantinho. Afinal de contas, aqui, em Aracaju, também tem lua cheia, as pessoas gostam de ter mais sossego para namorar, pois ninguém é de ferro.

Pois bem, então daqui a pouco você vai vir aqui, Déda, todas essas casas vão estar com uma construçãozinha a mais, um puxadinho a mais, uma pia, um tanque, um banheiro, alguma coisa vai ter. Porque na hora que você passa a escritura para um homem ou para uma mulher pobre, ele passa a ser tomado de uma garantia tão grande, porque enquanto não tem escritura, todos nós vamos dormir achando que alguém vai tirar a gente. Não é isso? A gente vai deitar toda noite achando: será que vão tirar a gente? Não é nossa esta terra, será que vão vir aqui pegar? Mas, quando a gente tem a escritura, a gente sabe: agora é nossa, ninguém tasca mais e vamos então aumentar.

E é por isso também, Déda, que além do material de construção, nós, está aqui o Ministro das Cidades – não veio a Alexandra do Ministério do Planejamento, que cuida do Patrimônio da União – nós estamos trabalhando intensamente para regularizar 900 mil títulos de terra para as pessoas que



estão morando em terrenos que não estão legalizados. Esses terrenos, às vezes, são mais difíceis, porque uma parte a gente passa para a prefeitura, outra parte é da própria prefeitura, outra parte é do Estado, tem uma parte da União e a outra, às vezes, é terra privada, que aí a gente desapropria, a pessoa entra com um processo e demora anos. Mas essas dos municípios, dos estados e da União, nós estamos trabalhando, intensamente, para que a gente possa garantir que milhares e milhares de seres humanos possam deitar a cabeça no travesseiro e dormir um sono justo, sem a preocupação que vai vir alguém da prefeitura, com uma ordem judicial, dizer que essa pessoa tem que sair. Isso nós vamos garantir para vocês, é uma questão de honra.

Até porque a União não precisa ter terreno, a União não precisa ter prédio, tem muitos prédios, Déda, espalhados por este país afora, que nós precisamos nos desfazer disso. Se tiver um prédio do governo em Aracaju e que dê para fazer residência – ali já tem água encanada, ali já está a escola, ali já tem a luz elétrica, ali já tem o asfalto, ali já tem as praças – fica muito mais barato que todo um trabalho de urbanização que a gente tem que fazer. Por isso, eu posso dizer para vocês: vir aqui, hoje, alguns dias antes da inauguração, porque o gostoso é que a festa vai ser no dia 30, aniversário desta cidade. É importante levar o Daniel lá onde morava o pessoal, para ele conhecer. O Daniel é um bom menino, além de bom cantor, é um bom menino, boa cabeça, é importante ele ter noção de onde essas pessoas moravam, para ele saber o valor dessa obra que você fez aqui, companheiro Déda. É importante saber, porque obras como estas não é qualquer governante que quer fazer.

O Déda disse bem: quando se faz uma coisa num lugar para beneficiar os mais ricos, eles falam que é investimento. Quando se faz uma coisa para atender os mais pobres, eles falam que é gasto. Déda, nunca utilize a palavra eu gastei para fazer isso para o pobre, nunca. Porque isso aqui é um investimento inestimável, não tem valor o que foi feito aqui e não tem preço o



sorriso daquelas mulheres que nós fomos visitar nas palafitas e que, algumas delas, amanhã, já estarão aqui.

Portanto, o Fernando Haddad sabe, em uma reunião que nós tivemos para discutir a expansão universitária, toda hora em que a gente discute, as pessoas falam: “porque vai gastar 1 bilhão, porque vai gastar 2 bilhões, porque vai gastar 3 bilhões”. Aí, quando é para emprestar dinheiro para um grande grupo multinacional, “é um grande investimento para a grande empresa vir aqui”. Bem, então eu determinei o seguinte: dinheiro colocado em educação não pode ser gasto, tem que ser investimento porque é o maior investimento que uma nação pode fazer é educar o seu povo.

Bem, mudando de assunto, eu estou vendo ali um companheiro com a roupa da Petrobras, todo orgulhoso ali, estou vendo aqui o nosso José Eduardo, ex-presidente da Petrobras, e eu queria dizer para vocês o seguinte: está cheio de gente pedindo para vir falar do ProJovem. Espera aí. Vocês sabem que abrimos concurso, anistiamos mais de 653 companheiros que tinham sido mandados embora na greve de 1995, anistiamos 653 companheiros, acabamos de anistiar 2 mil companheiros dos Correios que tinham sido mandados embora há mais de 10 anos.

Bem, mas eu estou vendo o companheiro da Petrobras ali, e estou me lembrando do seguinte: dia 21 de abril, Déda, vai ser uma festa extraordinária. A Petrobras, no dia em que a gente comemora o dia de Tiradentes, que é a imagem da nossa Independência, a Petrobras vai oficializar a auto-suficiência de petróleo no Brasil. Então, vai ser uma festa muito bonita, vai ter material na escola para as crianças lerem, material didático para as crianças saberem o que é a Petrobrás, na escola; vai ter uma comemoração. E o que é mais importante, Zé, não sei se você já foi informado, a Petrobrás, pela primeira vez na vida, teve superávit na sua balança comercial: 3 bilhões de dólares nós exportamos de petróleo. E agora, com o biodiesel e com o etanol, então... Eu



estou dizendo que a gente não vai mais fazer prospecção de petróleo: vamos plantar petróleo, agora. Vamos plantar. Mas essa é uma outra história para um outro ato que nós vamos participar.

Aqui, o nosso ProJovem. Déda, o ProJovem é um programa que nós fizemos para atender adolescentes de 18 a 24 anos que não tinham terminado o ensino fundamental e que nós queremos que terminem o ensino fundamental, que aprendam uma profissão e, ao mesmo tempo, prestem um trabalho comunitário. Nós estamos com 93, 95 mil jovens estudantes. Aqui em Aracaju, não sei se o número certo é este. Nós tínhamos 3 mil vagas, tem quase 2 mil adolescentes. O que é importante é a gente procurar, porque nós pagamos 100 reais para que esse jovem volte a estudar, aprenda uma profissão e trabalhe. Quando a gente fala “nós estamos dando 100 reais para o jovem voltar a estudar”, tem muita gente que já estudou, que fala “para que gastar dinheiro com pobre? Então vá gastar”. É que, se a gente não der 100 reais para um adolescente voltar a estudar, daqui a pouco a gente vai gastar 2 mil reais por mês para cuidar dele, preso na cadeia, ou para colocar policial para tomar conta dele.

Então, nós queremos cuidar dele antes de ele cair do outro lado da navalha, por isso que nós temos o programa ProJovem, por isso que nós temos o programa Consórcio da Juventude, por isso que nós temos o programa Escola de Fábrica, já com 500 fábricas, e o Fernando Haddad me disse que vai ter mais 1000 fábricas, são jovens estudando dentro da escola. É por isso que nós temos o ProUni aqui, que teve, em 2005, só 239 vagas, mas em 2006 já teve mais 452 jovens da periferia. Pobres que jamais poderiam pagar universidade, agora estão ganhando bolsa para estudar e vai ter muito mais a cada ano.

Isso tudo, Déda, sem contar o Bolsa Família aqui no estado de Sergipe. Aqui no estado de Sergipe, o Bolsa Família... Primeiro eu quero dizer uma



coisa para vocês. Eu quero que você guardem este número na cabeça, porque, possivelmente, você vai precisar utilizar este número em algum momento. Eu vou lhe dar o número aqui, Déda. O orçamento do estado, Déda, a receita estadual é de praticamente 2 bilhões e 854 milhões de reais. Só o governo federal passa para o estado de Sergipe, das verbas obrigatórias, aquelas que são legais, que a gente tem que devolver, nós passamos 59% de tudo o que o estado arrecada: 1 bilhão e 679 milhões de transferência da União para estados e municípios daqui.

Mas não é apenas isso, não. Tem outras coisas que não são obrigatórias, mas que nós passamos. Só o estado de Sergipe recebe, de verbas não obrigatórias, de programas sociais do governo vinculados à educação também – porque tem Bolsa Família e outros programas – nós passamos, por ano, 834 milhões de reais para este estado aqui. Aí você soma 29% mais 59%, vai dar quanto? Vai dar 88% de dinheiro que a gente passa aqui para o estado de Sergipe. E passamos com orgulho, porque não passamos para o Déda, não passamos para o governador, não passamos para o vereador, não passamos para o deputado, nós passamos o dinheiro, no caso do Bolsa Família, diretamente para o povo que, com o seu cartão, recebe o dinheiro. Só aqui em Aracaju, nós temos 24 mil e 700 famílias que recebem, e no estado de Sergipe, são 154 mil e 80 famílias que recebem. Nós estamos passando para Aracaju 16 milhões e 800 mil reais por ano, e estamos passando para o estado 120 milhões por ano, para cuidar dos pobres.

Estou dizendo isso, sabe por quê? Porque muitas vezes, no Brasil – e não é comigo, não, deve ter sido com JK, deve ter sido com Café Filho, deve ter sido com Getúlio – muitas vezes, no Brasil é assim: as pessoas recebem o dinheiro do governo federal, fazem a obra e depois falam que é deles. Eu não quero que ninguém fale bem de mim, eu só quero que coloquem uma “placona” deste tamanho, do prefeito e do governador, mas coloquem um pedacinho do lado, do governo federal. Um pedacinho pequeno, porque até o programa Luz



para Todos, que nós criamos no Brasil para tirar uma parcela dos pobres deste país das trevas, porque só sabe o que é morar em uma casa sem luz elétrica quem já viveu na base do candeeiro, como muitos de vocês viveram, como eu vivi. Só uma mãe de família sabe o que é cuidar de filho doente à noite com candeeiro, costurar com candeeiro. E nós detectamos, Marcelo Déda, 12 milhões de brasileiros que não têm luz elétrica e assumimos o compromisso de, até 2008, atender toda essa gente, para que todo mundo tenha o direito de acender um bico de luz, ter uma televisão, ter uma geladeira, para as pessoas poderem viver melhor, porque esse negócio de achar que pobre não gosta de coisa boa, é puro engano. Se pobre pudesse, só tinha coisa boa e extraordinária.

Então, Déda, eu quero dizer para vocês que estou aqui... Eu não estou aqui visitando apenas o prefeito de Aracaju, eu estou aqui visitando um companheiro que, além de companheiro, é meu compadre. Se alguém pensa que vai fazer intriga entre mim e Déda, “tire o cavalo da chuva”, porque... Sabe o que acontece? Irmão a gente não escolhe, pai a gente não escolhe, mãe a gente não escolhe, agora companheiro, a gente escolhe. E quando a gente escolhe uma pessoa para ser companheiro, eu digo sempre o seguinte: nem todo irmão é um companheiro, agora, todo companheiro é um irmão extraordinário para nós.

Então, Déda, quero que você saiba que você vai deixar a prefeitura agora, vai passar o bastão para o nosso companheiro Edivaldo Nogueira, companheiro que está junto com vocês, junto conosco nessa empreitada há muitos anos. Eu não tenho dúvida nenhuma de que, nesses dois anos e pouco que falta de administração do companheiro Edivaldo, ele vai dar seqüência a tudo que é extraordinário que está sendo feito aqui. Certamente ele tem outra cabeça e pode ter coisas mais bonitas para fazer, e vai fazer. E eu quero que você saiba, Edivaldo, que você vai contar com o meu apoio, igual o Marcelo Deda contou com o meu apoio.



E dizer para vocês que, no dia 30, quando vocês estiverem aqui dançando e festejando, numa bela festa que o Marcelo Déda falou que vai ter aqui, lembrem que eu estou lá, em Brasília, pensando em vocês.

Muito obrigado, que Deus abençoe todos vocês!